

# SAGRADO E SUBJUGAÇÃO DO UNIVERSO FEMININO

**ECCO, Clóvis**  
(Doutorando em Ciências da Religião, PUC-GO)  
[clovisecco@uol.com.br](mailto:clovisecco@uol.com.br)

*Este artigo versa sobre a crítica a natureza feminina. Visa compreender a influência das ideias religiosas da tradição judaico-cristã, que influenciou a relação de subordinação do universo feminino na cultura Ocidental. Para atingir este objetivo, procura-se compreender a influência da religião na construção do universo feminino e, também, compreender os motivos estruturais e religiosos que propiciaram a instituição da supremacia hierárquica masculina em relação ao mundo feminino.*

**Palavras-chave:** *Gênero; Religião; Masculinidade; feminino, natureza.*

## Introdução

Desenvolver o tema da feminilidade nos nossos tempos envolve um profundo mergulho na alma feminina renegada e subjugada, durante séculos de dominação patriarcal. O registro do feminino no ser humano, tanto no homem quanto na mulher, é marcado por vários mecanismos repressivos, entre os mecanismos de dominação a leitura naturalista baseada na observação aristotélica sobre homens e mulheres e a postural patriarcal das ideias religiosas sobre o feminino, subjugando-as numa escala de inferiorização.

Por isso que a função da investigação das ideias religiosas sobre a subjugação do universo feminino visa compreender a influência da analogia do feminino com a natureza para diferenciá-la em relação ao masculino. Para atingir este objetivo, procura-se compreender a influência da religião na subjugação social do universo feminino e, também, compreender os motivos sociais e religiosos que propiciam a instituição da supremacia hierárquica masculina.

## A submissão cultural feminina

Essa visão da submissão cultural histórico e cultural dá à mulher e ao universo feminino uma condição inferior ao masculino e legitima um dos mecanismos repressivos, remontando àquela época em que a mulher na sociedade ateniense ocupava na vida familiar e social uma posição nítida de inferioridade em relação ao homem. As jovens viviam em quase perpétua reclusão, no ambiente familiar, afastadas dos olhares dos homens, até mesmo dos membros masculinos de sua própria família. A dominação e submissão feminina foram construídas e legitimadas, paulatinamente, na constituição da mulher, que segundo Aristóteles, (VERNANT, 2004), justificava a submissão da mulher em virtude da não plenitude do “logos” em sua alma. Aristóteles faz uso das palavras de Sófocles (*apud* VERNANT, 2004, p. 34), “as mulheres deviam, por graça natural, permanecer em

*silêncio*”. Ou seja, calar alguém significa, efetivamente, o mesmo que excluí-la inteiramente da cidadania.

Segundo Schalcher (1998), tal passagem da obra da *Política* de Aristóteles, recoloca em questão a fraqueza de mulher, não apenas na dimensão fisiológica, mas investida de uma conotação ético-metafísica com as relações entre alma e o corpo e entre as partes da alma, uma provida e a outra desprovida de razão, a primeira constituindo-se o elemento hegemônico, e a segunda, o elemento subordinado. Ainda que Aristóteles afirme (*apud* SCHALCHER, 1998, p. 338), “*em coerência com o fato de a mulher pertencer ao gênero humano, em que todas as partes da alma estão presentes, Aristóteles considera essa presença de forma distinta em relação ao homem, pois apesar de a mulher possuir a capacidade de deliberar, falta a ela a capacidade de decidir*”.

Diante disso, no resgate com uma crítica a postura patriarcal frente à natureza feminina deve-se ir ao encontro como Eri (deusa da luta) e Eros (deus do amor). Há o desejo da conexão e integração desta parte da alma esquecida na escuridão da Grande Mãe. Revela a busca das sementes que foram lançadas a terra e que buscam espaço para desabrochar num espaço do inesperado, do devir.

Segundo Neumann (2003, p. 237) “*o feminino na qualidade de Grande Mãe, é uma “virgem”, um princípio criador independente do homem como pessoa*”. Nos tempos primordiais, a concepção era obra de um poder transpessoal, marcado com o contato com animais *numinosos*, com espíritos, demônios e deuses. A mulher torna-se um ser *numinoso* e domina o sistema ideológico. Os ritos à Grande Deusa permeiam aspectos da jovem virgem, da mãe e da meretriz. Segundo Eisler (1997), na imagem da deusa permeiam aspectos da espiritualidade, da misericórdia, da sabedoria e da justiça.

Na produção mitológica de imagens, a lua crescente e a espada em forma de foice representam o poder do feminino. A lua simboliza Ártemis, a virgem, o desconhecido, como os mistérios das emoções, do amor e da capacidade de gerar e renovar. No aspecto simbólico, a foice indica a força da lua, bem como das emoções e das marés psíquicas, o ir e vir do fluxo da vida (WHITMONT, 1991). A força então do feminino refere-se ao balançar dos galhos conforme os ventos soprantes do

momento presente e de sua maneira de firmar-se nas raízes de sua mãe Terra, diante das adversidades. Nos estratos mais profundos da *psiqué*, o feminino acopla-se com o instintivo e o sexual. A cultura ocidental, ao longo dos últimos cinco mil anos, reprimiu e negou esses estratos do poder feminino.

### **A crítica poética da supremacia masculina**

Se o poder masculino nos últimos milênios reprimiu e subjugou o poder feminino, a poetisa goianiense, Denófrio, na obra *Ínvio lado* (o lado inacessível) ela investiga a dimensão simbólica do poder masculino, contra o domínio da razão lógica alicerçada e legitimada, na alma feminina, através da supremacia do patriarcalismo. A poetisa expressa todo o sentimento de dor e de silêncio que o universo feminino foi subjugado pela oficialidade cultural e religiosa da tradição patriarcal.

Vi o ritual macabro do chamado Santo Ofício. Menos cruento era o de Morigán no altar de sangue do Grande Corvo. Vi o ritual de horror: imolação de mulheres a outro Grande Corvo. A provação pelo ordálio ainda lei no Santo Ofício: braços estirados e retorcidos; corpos esquartejados ou suspensos ao teto para requintes de suplício; mãos (e o transe de dor) carregando ferro em brasa; e a água fervente. E gritos! E gritos! E gritos! Ou o silêncio [...] (Denófrio, 2000: 35).

Ainda a autora se expressa sobre a subjugação da alma feminina, sobre o punho patriarcal, afirmando que a mulher que não confessasse a culpa que não tinha, ardia numa fogueira incinerada como uma limpeza para a alma patriarcal. Nesta perspectiva, Durkheim (*apud* ERICKSON, 1996), afirma que a mulher é mais um produto da natureza do que um ser social. Por isso, segundo a poetisa Denófrio, numa crítica ao olhar masculino, afirma que a mulher *“é mais sujeita à bruxaria porque mais perfídia, mais fraca na mente, no corpo e na memória, um ser inferior, animal natural insaciável, mais natural e carnal do que o homem”* (2000, p. 40). Com esta incapacidade de encaixar-se na sociedade dos homens, a mulher está relacionada com a divisão genericamente determinada na sociedade e legitimada pela tradição judaico-cristã.

É importante ressaltar, segundo Erickson (1996), ainda, numa crítica a Durkheim, que o religioso vê a si mesmo como associado ao sagrado e não ao profano. O religioso-sagrado pertence a um mundo e o profano o outro. Aqui começa a separação e a submissão de gênero. O ser humano masculino exige no coletivo e na vida social a separação do feminino. Segundo, Erickson (1996, p. 49), “*ao macular o feminino, os homens tornaram-se seres sociais e as mulheres, seres naturais*”. A religião, através da sacralização e dos ritos de passagem, cria a vida social que se baseia na exclusão das mulheres e exigem delas uma separação.

Segue a autora na mesma perspectiva, afirmando que no rito de passagem, o processo de iniciação do jovem no ritual Totêmico, o iniciado morre e depois renasce, já não é ele mesmo.

A morte associada à iniciação, bem como a morte associada à menstruação e aos ritos fúnebres, exige o derramamento de sangue (...). Precisa morrer no rapaz e seu apego ao mundo profano e animal da mãe, mundo este representado pelo sangue menstrual (...). O Jovem torna-se homem quando é admitido na sociedade sagrada. Uma vez homem, ele deixa a vida comunal da mãe e ingressa no que Durkheim chamou de “o coletivo” composto de homens sagrados. O rito de iniciação garante a conclusão do processo de sexualização. Durkheim (*apud* ERICKSON, 1996:53).

A religião, ainda segundo Erickson, tem a função de santificar a alma do sagrado. Os homens, mesmo depois da morte, têm alma, enquanto às mulheres vivas são profanas, por isso, elas não têm alma. A autora conclui que o masculino precisa da religião para exercer o poder e o domínio sobre o natural, ou seja, a mulher. O sagrado lhe conserva para o universo masculino privilégio e lhe garante a supremacia sobre o feminino.

Segue na mesma perspectiva Whitmont (1991, p. 52), afirma que as “*nossas perspectivas atuais e nossa relação com a existência tornaram-nos deformados, absurdos e irreais. Como coletividade nós estamos num beco sem saída, distantes e apartados da natureza e de nós mesmos*”. Já que o dualismo cartesiano da civilização ocidental compreende a base de um sistema de aversão a tudo o que é natural e feminino. Há um afastamento de nossas raízes na natureza viva e perambulamos a existência conforme o domínio cultural vigente. Tornamo-nos objeto-máquina e não deixamos pulsar a vida vibrante de nossa natureza. “*A noção antropocêntrica de que o homem deve dominar a natureza e que esta crescente*

*dominação é que consistirá na liberdade humana, exemplifica o protótipo básico do dualismo natureza/ cultura” (KING, 1997, p. 58)*

Com isso, o pressuposto cultural da hierarquia da cultura sobre a natureza, que segundo Ruether, (1993, p. 66), compreende o controle humano sobre os “*processos espontâneos que os seres humanos não originam ou controlam, mas dos quais dependem*”. A mulher com sua essência geradora simboliza uma aproximação à natureza, ficando numa posição entre a cultura patriarcal machista e a natureza não-controlada. Seus processos fisiológicos encarnados no instinto sensual e nutridor são vistos como “perigosos e poluidores” para essa visão superior da cultura. Ocorre uma desvalorização do feminino num paralelismo com a natureza desvalorizada. Desta forma, há uma hierarquização dos papéis de gênero no âmbito social e relações de poder que permeiam a conduta do ser homem-mulher-animal-natureza.

O corpo representa o campo dos instintos, do descontrole, das paixões e dos apetites dentro desse paradigma. Ele é um agente da cultura e um lugar prático direto de controle social (BORDO, 1997). O corpo curvilíneo da mulher e seus atributos passam a ser mediadores e símbolos da dominação. “*Os homens ocupam a esfera da liberdade e confinam as mulheres ao âmbito da necessidade*” (RUETHER, 1993, p. 68). Sabemos que tudo que passa na esfera da necessidade é corporal. A feminilidade conseqüentemente irá representar aquela que é inferior ao masculino.

Segue, ainda, segundo esta autora (1993, p.73) “*como símbolo do corpo, da sexualidade e da maternidade, a mulher representa a natureza inferior e má*”. Este mecanismo torna a demonização, a profanação do lugar da mulher no espaço sagrado. A escuridão, o fogo, os mistérios ficam confinados a estas vestes do feminino, tendo como parceria às “criaturas pútridas e os répteis do inferno e do túmulo”. A imagem da bruxa, da natureza sedutora e enganadora da mulher, torna-a ameaça à consciência masculina, podendo arrastá-la para as profundezas do pecado, da morte e da condenação. A mulher como fonte representativa do feminino se torna um instrumento do diabo, sendo uma ameaça ao plano de salvação das grandes religiões.

Exorcizar os diabos que são confinados ao desconhecido, à natureza consiste em silenciar o campo corporal em todas as suas dimensões femininas: sua sexualidade, seu poder, sua amorosidade, sua expressão, seu conhecimento e sua espiritualidade. Na base do feminino natural, permeia a transcendência e a liberdade.

Segundo Éstes (1992), a separação do ser da natureza cria na personalidade da mulher uma descentralização de sua força natural. A perda do contato com a parte instintiva decreta um estado de destruição parcial e as imagens e os poderes da mulher não têm condições de pleno desenvolvimento. O resgate de sua natureza feminina permite uma consciência, um conhecimento de sua alma, bem como ideias, sentimentos, impulsos, recordações e o potencial criativo, que desabrocham com toda vitalidade. O silêncio cria uma voz, que, numa entonação suave, canta a liberdade e a transcendência da alma feminina.

Para a pesquisadora Muraro que investiga a relação do encontro com as diferenças do mundo masculino e o feminino – afirma que tanto no homem quanto na mulher - reside o poder de plenitude interior, o cuidado e a conservação, a capacidade de repouso, de cultivar o espaço do mistério, de entender símbolos e mensagens inscritas nos fatos...

É aquele momento de mistério, de integridade, de profundidade abissal, de capacidade de pensar com o próprio corpo, de decifrar mensagens escondidas sob sinais e símbolos, de interioridade, de sentimento de pertença a um todo maior, de receptividade, de guardar no coração, de poder gerador e nutridor, de vitalidade e de espiritualidade. (MURARO, 2002:75)

### **Considerações finais**

Diante disso, a natureza feminina necessita da presença masculina, não da maneira distorcida conforme o sistema do patriarcado e pela natureza aristotélica e patriarcal. A integração entre os gêneros se faz necessária perante a sacralização do feminino esquecido e renegado, sem a interface da dominação cultural. A deusa da natureza, da fertilidade, da inteligência necessita ser resgatada como protótipo masculino e feminino no relacionamento com o outro. Modelos precisam ser revistos

para a deusa desabrochar na sua real essência e a natureza feminina percorrer o campo relacional de nossa atualidade. Cabe ao novo homem, conforme a poetisa Denófrio – “*alisar o ventre de tua amada e mandar mensagens ao filho e entabular falas intra-uterinos; depois, lambar a cria recém-nascida de dois grávidos do mesmo fruto que gestaram juntos nove meses e chegaram a um parto solidário*”. (2000, p. 67). Ou no sonho de Luther King, que sonhava que um dia as pessoas seriam julgadas pelas suas habilidades, independente da cor, desta mesma forma, pode-se acreditar que os valores da pessoa, também, poderão ser julgados, não por ser homem ou mulher, mas sim, pelo “conteúdo de seu caráter”.

### Referências Bibliográficas

DENÓFRIO, D. França. *Ínvio lado*. Goiânia: Ed da UFG, 2000.

EISLER, Riane. A Deusa da Natureza e da Espiritualidade: um Manifesto Ecológico. In: CAMPBELL, Joseph; EISLER, Riane; GIMBUTAS, Marija; MUSÈS, Charles. *Todos os Nomes da Deusa*. Trad. Beatriz Pena. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997, p.11-34.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm Com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala*. Trad: Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan (eds). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

KING, Ynestra. Curando as Feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza/Cultura. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan (eds.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: Uma Nova Consciência Para o Encontro das Diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: Um Estudo Fenomenológico da Constituição Feminina do Inconsciente*. São Paulo: Cultrix, 2003.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e Religião: Rumo a uma Teologia Feminista*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.



**FACUNICAMPs**  
Núcleo de Pesquisa e Extensão  
Goiânia, GO, Brasil, Março de 2011

SCHALCHER, Maria da Graça Ferreira. *Considerações sobre o Tema da Mulher no Pensamento de Aristóteles*. In: *Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

VERNANT, Jean Pierre. *O Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

WHITMONT, Edward C. *O Retorno da Deusa*. São Paulo: Summus, 1991.